

A REPRESENTAÇÃO DA CULTURA E DA IDENTIDADE EM DO OUTRO LADO DO RIO, DOCUMENTÁRIO DE LUCAS BAMBOZZI

Aluno: Ana Rita Martins Baptista
Orientador: Andrea França Martins

Introdução

O conceito de cultura tem inúmeras definições, que por mais abrangentes que sejam, ainda geram controvérsias. Definir cultura e a derivação 'identidade' é ainda umas das questões mais complexas para a antropologia e sociologia. A mudança no parâmetro do pensamento humano a partir da modernidade afetou a nossa percepção da cultura na sociedade e de como formamos nossa identidade. Se na modernidade tínhamos um percepção da identidade como algo coeso e construído como projeto de vida e de futuro, a fragmentação da pós modernidade faz com que essa percepção seja revista pois há uma gama imensa de informações, imagens e narrativas a moldar e remoldar nossas identificações culturais. Somos multiculturalizados e nos construímos e desconstruímos em consonância com os diferentes discursos e imagens da televisão, do cinema, da publicidade.

O filme

Do Outro Lado do Rio (2005) é um documentário que trata de fronteiras. Não só a fronteira física entre Brasil e Guiana Francesa, mas sobretudo sobre a fronteira imaginada que desliza entre os moradores e os que passam pela região. O filme fala das fronteiras físicas e daquelas simbólicas. Os personagens exibem através de suas vidas a questão do descentramento das identidades pós-modernas. A instabilidade da fronteira soa como uma metáfora para o discurso dos personagens, construídos e amarrados sob diferentes óticas. Pertencer ou não a um lugar, sentir-se parte, sonhar com realidades que mudam da água para o vinho em questão de metros. A linguagem cinematográfica do cineasta brasileiro Lucas Bambozzi levanta a questão sobre a identificação, a construção cultural e a relação entre personagem e espaço físico. Bambozzi mistura a imagem não trabalhada com cenas estilizadas e nebulosas, criando dois espaços cinematográficos, um concreto e outro abstrato. Esses espaços se intercalam e dialogam.

O uso do som também é uma forma de construir o discurso. O off é uma ferramenta usada para confrontar os personagens com a própria visão que têm sobre si mesmos. Bambozzi utiliza inúmeras vezes imagens dos personagens, closes e planos americanos e suas vozes em off narrando histórias de suas vidas. É interessante mostrar porque há o uso do off em momentos onde está sendo desvelada a identidade de cada um. É como se o cineasta explicasse através das ferramentas cinematográficas que o que se diz pode ser dissociado do que se vê ou mesmo estar em outro plano de discurso. Imagem e som se separam e se casam em alternância.

O rio é um emblema na vida de cada personagem. Seja para os que o atravessam para trabalhar nos garimpos, para os que irão até os garimpos trabalhar na prostituição, para os que ficam em solo mas tem uma relação comercial com ele e para os que vêem seus sonhos na outra margem em Saint Georges de L'Oyapock, Guiana Francesa. A vida corre

através das margens do rio e as construções simbólicas do que é felicidade para cada personagem passam por ele.

A região entre Brasil e Guiana Francesa tem o maior fluxo migratório das fronteiras brasileiras e representa uma região em trânsito. Isso afeta o modo como as pessoas encaram simbolicamente o rio. O mundo pós moderno se mostra como um caldeirão de fragmentações, onde podemos nos recriar a partir do fluxo de inúmeros discursos ao mesmo tempo que o significado das fronteiras físicas, como a margem de um rio, ainda carrega todo um simbolismo de futuro.

Metodologia

A metodologia usada foi a leitura e o estudo dos autores citados na bibliografia para, a partir deles, fazer a análise do filme e de sua linguagem cinematográfica. A seleção dos autores foi feita em função de seus estudos sobre a representação da cultura em um mundo moldado pelos meios de comunicação e o significado de identidade hoje.

Conclusões

Tanto a bibliografia estudada quanto o filme e seus personagens corroboram para a teoria de Stuart Hall e os outros autores estudados, segundo a qual a cultura e a formação da identidade são híbridas na pós-modernidade. A construção tanto de identidade como de cultura é feita a todo momento a partir dos discursos e das atribuições de significado feitas pelos personagens. Ao invés de uma identidade fixa e imutável, podemos falar de uma subjetividade construída e dotada de significados maleáveis em função dos imaginários e das expectativas de cada um dos personagens. O interesse está no fato das pessoas inventarem outras formas de fronteira - simbólicas, imaginadas, desejadas - dentro de suas vidas a partir da fronteira física e geográfica do rio .

Referências

- 1 - CANCLINI, Néstor Garcia . *Consumidores e cidadãos*. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006. 227p.
- 2 - BURITY, Joanildo A. *Cultura e identidade – Perspectivas Interdisciplinares*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002. 186p.
- 3 - HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10.ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005. 102p.
- 4 - BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. 3 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. 395p.
- 5 - CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 1998.